

O LUGAR DO SUJEITO : uma reflexão sobre a clínica*

Véra Motta

A clínica da toxicomania, na sua vertente “Família”, tem se apresentado a nós, em geral, pelo viés da mãe, razão pela qual postulamos a direção dos estudos do Grupo Toxicomania e Família para A Mãe na Psicanálise. Com isso, buscamos aproximação com os estudos que vêm se realizando, no Campo Freudiano no Brasil e nos demais países em que este se estabelece, cujo pivô central da clínica tem sido A Criança, e, por via de consequência, a Mãe e A Mulher.

Como vimos na explanação teórica sobre a Mãe e a Mulher na Psicanálise, especialmente com Freud e Lacan, a Mãe não recobre A Mulher, ou seja, a Maternidade não dá conta da Feminidade, em que pese ter sido este o caminho, a via apontada por Freud para a saída da menina, na edificação edípica. Com Lacan, a sexualidade feminina foi retomada não apenas a partir do edifício do Édipo, mas mais-além deste, ou seja, a mulher foi tomada segundo uma ordem que ultrapassa a ordem do falo. As consequências deste fato, para a clínica, apontam para uma nova compreensão das modalidades diversas sob as quais as mulheres se apresentam, a que se costuma designar, sem maiores comprometimentos, de posições femininas.

A mãe do toxicômano oferece mostras de particularidade, na clínica. De início, a nomeação que se faz é correlativa da nomeação, alienante, de que faz uso o próprio toxicômano: “sou mãe... de um toxicômano”. Atribuição do Outro, esta designação aliena esta mulher, de tal sorte que, despregá-la desta designação, parece ser a primeira tarefa do clínico. O gozo do outro, seu filho, parece ocupá-la, e mesmo submetê-la, a uma seqüência de obrigações e rituais, aos quais ela sequer parece querer escapar. Entre essas tantas tarefas e rotinas, está a vigilância sobre o outro, suas tomadas da droga, suas suspensões, suas retiradas da cena familiar, suas crises, seus embates com a realidade, bem como seus retornos à pretensa normalidade.

Um segundo ponto parece orientar a clínica com as mães: as origens de sua relação com este filho, que pode retroceder à mais tenra infância deste, ou alcançar,

surpreendentemente, aquele ponto de ultrapassagem, aquela virada do ser em direção à maternidade, no ponto de espera deste filho. Chama-nos a atenção que, no encontro com a criança, a maternidade pode dar lugar ao horror de um encontro com o real, pelo fato de a criança realizar o simulacro fálico, o semblante fálico; a mãe do toxicômano, assim nos parece, cedo se apercebe do engano, quanto mais este apareça revestido de uma vestimenta ainda mais enganosa, um pênis, agregado ao filho menino que se lhe apresenta.

Este horror aparece, na clínica, manifesto em alguns fenômenos de turbulência pós-parto, seja sob a forma de infecções, que afastam, necessariamente, a criança da mãe, seja de depressão, com todas as conseqüências psíquicas que irão advir. O escolhido é, quase invariavelmente, o primogênito do cônjuge, sobre quem irão pesar todos os temores e todas as expectativas de um Desejo não satisfeito. Em outras palavras, é como se cedo fosse denunciado, aos olhos da Mãe, que a Criança não pode ocupar o lugar do Falo, de que ela tanto necessita, testemunhando-se, nesta ocasião, que também o parceiro, o Pai, não parece ser aquele que responderá a esta Demanda. Do lado da Criança - essa é a nossa suposição - parece ocorrer aquilo que Lacan designa de folia fálica, ou seja, o menino acredita ser o Falo para a Mãe.

Nessa identificação, que lhe é mortífera, a Criança=Toxicômano busca, a todo preço, encontrar aquilo que deverá suprir essa insatisfação constitutiva de toda mulher, e que a Mãe não esconde. Por via da droga, busca apreender o gozo Outro, gozo próprio do feminino, que, contudo, lhe escapa. A Mãe, alienada em seu Desejo, mantém-se no lugar de uma suplência, suplência da ausência do significante de A Mulher, numa modalidade metonímica: ela introduz a Criança=Toxicômano como objeto, colocando o corpo como imagem para a questão do real do gozo. Desprender-se desta posição aponta, invariavelmente, para a questão “O que quer a Mulher?”, questão que a coloca na mesma trilha que tantas outras mulheres, em suas diferentes posições femininas. Dirigir essa pergunta ao Outro aponta para a via da análise, único lugar de abrigo para o mal-estar que a civilização engendra, para o ser falante.

* Texto apresentado no Curso Família e Toxicomania, a cargo do Grupo de Estudos Família, da Clínica do Centro de Estudos e Terapia do Abuso de Drogas- CETAD/UFBA, dentro da programação do X Aniversário do CETAD, Seminário Internacional, de 5 a 8 de outubro de 1995.